

# Instituto Socioambiental

fonte: O GLOBO class.: 1060

data: 21/5/95 pg.: 15

## Que fim levou / Mário Juruna, primeiro índio a se eleger deputado

# Cacique está com dívidas e não arranja empréstimo

JOSÉ PAULO TUPYNAMBÁ

BRASÍLIA — O cacique Juruna aposentou seu gravador. Primeiro índio a chegar na Câmara dos Deputados, Mário Juruna vive hoje escapando de dívidas que seu modesto salário de assessor da liderança do PDT na Câmara não consegue saldar.

— A crise para mim está muito grande. Até machuca a gente — disse em entrevista em sua casa, com a roupa molhada, depois de consertar um cano.

Há cerca de duas semanas, Juruna tentava, sem sucesso, um empréstimo junto ao posto do Banco do Brasil na Fundação Nacional do Índio (Funai), onde trabalhava como assessor até se candidatar a deputado por Brasília. Ele não revela seu salário, mas enumera as despesas:

— A conta de água deu R\$ 92. O telefone, R\$ 300. A luz, R\$ 52. Não sobra nada do salário. Vou ter que vender o carro para pagar o advogado — afirmou o cacique, apontando para o Opala 89 guardado na garagem de sua casa, na cidade-satélite do Guarará.

O gravador foi parar no Museu do Índio, em Campo Grande (MS). As fitas, ele não tem mais.

— Joguei tudo fora, fiquei chateado. Gravei muita mentira — disse o índio, de 51 anos.

Dos 31 mil votos que o elegeram deputado federal pelo Rio de Janeiro em 1982, sobraram apenas 700 nas últimas eleições. Mas o cacique não desiste da política, de defender os interesses dos índios. Enviou há mais de um mês uma carta ao governador do Distrito Federal, Cristóvam Buarque (PT), pedindo a

construção da Casa do Índio em Brasília. Pediu também uma assessoria para assuntos indígenas no Palácio do Buriti. A carta, até agora, está sem resposta.

— Não estou aqui pelo dinheiro, estou pela política, quero trabalhar sério, mudar o Brasil. O PDT apoiou Cristóvam, mas ele não nomeou ninguém — insinuou.

Abandonado há quatro anos pela segunda mulher, Doralice, Juruna passa a maior parte do tempo sozinho. Suas nove filhas índias se revezam na arrumação da casa: a cada mês vem uma da reserva de São Marco, em Barra do Garça (MT). São 12 filhos do primeiro casamento — três homens — e dois do segundo, que Juruna vê nos finais de semana.

Ainda afinado com o ex-governador Leonel Brizola, Juruna prega uma intervenção militar como solução para o país. Para ele, "foram os militares que fizeram tudo, construíram estradas". Os governos civis só fizeram "moedas novas e planos fracassados".

— O Governo agora parece de brincadeira. Mas o povo o elegeu, será que o povo é idiota? Está passando da hora de os militares voltarem.

Juruna disse que gostaria muito de voltar à Câmara dos Deputados, mas não foi eleito "porque o povo de Brasília é muito despreparado, é comprado pelo político". Vai tentar de novo nas próximas eleições, de novo sem gastar dinheiro.

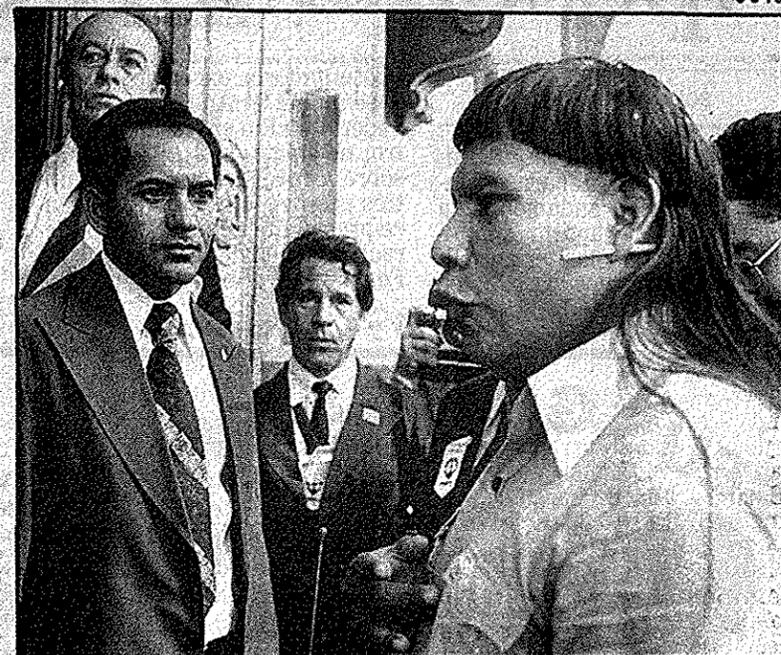
— Eu não tenho nada, só empresto meu nome. Fui eu quem derrubei Maluf, fui eu quem fez o índio poder deixar o país, fui eu quem lutou para derrubar os militares — afirma, incoerentemente.

Gustavo Miranda

5-3-79



Juruna, fiel a Brizola, em frente à sua casa na cidade-satélite de Guarará



No período militar, tentando ser recebido pelo então presidente Figueiredo